

Fernando Molica

Canções que contam a tragédia carioca

“Há quem não se importe/ Mas a Zona Norte/ É feito cigan lendo a minha sorte/ Sempre que nos vemos ela diz/ A minha história/ Escorre aqui”. Na noite da última quinta-feira, desabei feito um viaduto ao, num show de Moyses Marques, ouvir “Só dói quando Rio”, música de Moacyr Luz e Aldir Blanc.

Como dizem outros versos da canção, só fico à vontade nesta cidade doce e dolorosa — em particular, nas ruas suburbanas que me viram crescer. Um Rio que hoje se mostra cruel, inviável, vingativo, que troca a festa da vida pelo gozo da morte.

Os dois compositores — mais Paulo César Pinheiro — escreveram outro alerta, diagnóstico de que seguíamos por atalhos complicados, que proliferavam valas em nossos corações. Mas “Saudades da Guanabara”, lançada há 36 anos, é canto de esperança, tem fé na retirada das flechas do peito de

nosso padroeiro, na salvação. De lá pra cá, escarramos mais e mais sangue de outras hemoptises em canais como o do Mangue.

A perspectiva romântico-ibertária do “Quando derem vez ao morro/ Toda a cidade vai cantar” (Tom Jobim e Vinicius de Moraes) perdeu fôlego, o morro cansou de esperar a sua vez, rejeitou o enquadramento lírico e a receita de bolo revolucionário, a velha história do quando chegar o momento.

Quem sabe faz a hora, do jeito que dá; caminhos tortos que foram sendo abertos ao se caminhar descalço sobre brasas e espinhos, disparando e levando tiros. Saiu Dadinho, entrou Zé Pequeno (“Sacaram o berrro/ Meteram faca, ergueram ferro/ Ai Exu falou: Ninguém se mete!”, Bosco e Blanc).

Nossa tragédia foi sendo construída com empenho. Ficou pra trás a história do sonho de

se andar tranquilamente na favela em que se nasceu. Ao longo dos anos, Chico Buarque registrou: “Civilização encruzilhada/ Cada ribanceira é uma nação”, “No avesso da montanha, é labirinto/ É contra-senha, é cara a tapa”, “A gente ordeira e virtuosa que apela/ Pra polícia despachar de volta/ O populacho pra favela/ Ou pra Benguela, ou pra Guiné”.

A carne mais barata do mercado é a carne negra, gritou Elza Soares ao cantar o manifesto de Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti. “Eu tenho uma Bíblia velha, uma pistola automática/ Um sentimento de revolta/ Eu tô tentando sobreviver no inferno”, responderam os Racionais MCs, que completaram: “Não quero achar normal/ Ver um mano meu coberto com jornal”.

(Enquanto escrevo este texto, jovens brancos dançam ao som de sucessivos funks três andares

EDITORIAL

A singularidade de Vargas na política

Há 95 anos, o bom velhinho assumia o país. Não era o Papai Noel. E sim o pai dos pobres (e a mãe dos ricos, para continuar o trocadilho). Getúlio Dornelles Vargas iniciava o seu processo de comando do Brasil, numa era que durou 15 anos, passando por duas constituições, três tipos de governo e uma luta intensa contra as forças internas e externas. Mostrou-se, ao longo desse período, como é fazer política com força, garra e determinação. Não se apequenou nos momentos mais complicados e se agigantou quando era necessário. Não à toa, virou uma das raposas mais fel-pudas da história brasileira, com seu desempenho à mão de ferro no Palácio do Catete. Saiu quase que pela portas dos fundos, mas voltou nos braços do povo, para ficar na eternidade dos livros e anais da historiografia nacional.

O ano de 1930 foi singular. De uma eleição considerada fraudulenta, Julio Prestes estava com toda a pompa para ser empossado presidente. Fez viagens pela Europa, foi recebido com honras diplomáticas em Paris, Londres e Madrid e tinha tudo para acabar com a política do café com leite e desempenhar a soberania paulista no Brasil. Eis que uma briga particular na Paraíba fez um atentado virar algo

nacional e atrapalhar os planos da situação.

A morte de João Pessoa foi o pontapé da insurreição popular contra o presidente Washington Luiz. Muitos acusaram o ataque de vingança contra o político. A Aliança Liberal usou bem o episódio para forçar uma saída de Luiz do poder. Porém, ela só veio com um golpe patrocinado pelos militares.

De uma Junta Governamental Militar até Getúlio Vargas foram alguns dias de transição. O político gaúcho, esperto como sempre fora, partiu de trem do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro, sendo ovacionado em todas as paradas que fazia. Ao chegar na capital, o clamor de herói da nação.

Da posse em 3 de novembro de 1930 ate sua saída, em 29 de outubro de 1945, por, que coincidência, um golpe militar, Vargas governou o Brasil no período entre guerras e na Segunda Guerra Mundial, sempre buscando se aliar seja com o nazi fascismo, seja com os Estados Unidos, conforme necessitava de ajuda político e financeira. No fim, saiu por força maior, mas fez uma aliado como sucessor, o que permitiu voltar sem muito temor, em 1951, como presidente do Brasil.

Preocupação real ou fonte de engajamento?

É preciso questionar as vozes que influenciam milhões de jovens brasileiros. Em tempos em que artistas e influenciadores se tornam formadores de opinião mais poderosos que escolas e as próprias famílias, suas palavras têm peso e também consequências.

Na recente operação contra o Comando Vermelho, que deixou mais de 120 mortos, foi grande o número de manifestações críticas às forças de segurança. A indignação é legítima e o debate público é saudável. No entanto, causa estranheza o fato de que essas mesmas vozes, tão ativas para condenar a ação policial, se mantêm em silêncio quando o assunto é o aliciamento de adolescentes pelo crime organizado, uma tragédia diária nas favelas e que muitas vezes é, inclusive, incentivada. Basta uma rápida pesquisa sobre letras de música e a conduta destes mesmos personagens.

Se esses influenciadores realmente se dizem preocupados com as comunidades, deveriam usar sua visibilidade para algo mais urgente: alertar a juventude sobre o verdadeiro destino de quem escolhe o caminho do crime. Não há glamour no tráfico. O final, quase sempre, é a morte precoce ou uma vida perdida atrás das grades.

Em vez de discursos inflamados e análises superficiais, o que as periferias precisam são exemplos e mensagens de conscientização. Falar com franqueza sobre o preço do crime é, hoje, um ato de responsabilidade social. A juventude periférica precisa saber que existe outro caminho, e que a escolha errada pode ser fatal. Afinal, a preocupação com a juventude mais pobre é realmente legítima ou apenas uma forma de engajar e monetizar com um estilo de vida condenado ao fracasso?

Opinião do leitor

Encontro

É fundamental para o Brasil e para o mundo que se estabeleçam diálogos. A palavra é a única arma capaz de promover a paz. Trump e Lula demonstram que é possível, pelo diálogo, fortalecer a “política”, superando divergências ideológicas.

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

Marcelo Brandão*

Normalização do ilegal: o perigo silencioso

Um estudo recente da USP em parceria com o Instituto Ipsos revelou um dado alarmante: até 25% dos brasileiros aceitam consumir produtos ilegais. Quando olhamos para setores como bebidas alcoólicas (24%), eletrônicos (20%) e vestuário (25%), percebemos que o consumo de falsificados e adulterados já não é apenas uma prática pontual — é um comportamento normalizado.

E o mais preocupante: essa aceitação não está restrita às classes mais baixas, como muitos imaginam. A pesquisa mostra que o consumo de produtos ilegais está presente em todas as faixas socioeconômicas. Isso revela que o problema não é apenas econômico, mas cultural.

Muitos consumidores acreditam que estão ‘levando vantagem’

quando optam por produtos falsificados ou contrabandeados. O argumento comum é o preço. Mas o custo real é outro — e muito mais alto.

Cada produto ilegal adquirido financia redes criminosas, fomenta o trabalho escravo, incentiva o contrabando, a evasão fiscal e enfraquece o ecossistema de empresas sérias que geram emprego, inovação e pagam impostos.

A Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) estima que o mercado global de falsificações movimente mais de 2,3 trilhões de dólares por ano.

No Brasil, são bilhões em impostos perdidos e milhares de empregos extintos por causa da pirataria e da falsificação.

Por trás de cada produto falso há uma cadeia de prejuízos. Em

Empresas, governos e instituições de ensino precisam tratar esse tema com urgência — não apenas como uma questão de mercado, mas de cidadania.

A proteção da propriedade intelectual é uma das principais barreiras contra o avanço da ilegalidade.

Cada marca registrada, cada patente concedida, cada obra protegida é um tijolo a mais na construção de um mercado mais ético e sustentável.

Combater o consumo de produtos falsificados é defender a inovação, a economia e a justiça social. É isso começa em uma escolha simples — a escolha de não compactuar com o ilegal.

***Consultor e Palestrante; Sócio-Diretor da Village Marcas e Patentes**

Sérgio Cabral*

Segurança Pública

Após a operação de terça-feira, 28 de outubro, a questão posta pela mídia e pela opinião pública, é o “dia seguinte”. O que fazer? Ora, só há um caminho: a retomada dos territórios abandonados pelos governos que me sucederam! Não sei se sob o comando do atual governante, que está a 4 meses de deixar o cargo para disputar o senado federal.

Em abril de 2014, deixei o governo com milhões de habitantes da cidade do Rio de Janeiro protegidos por policiamento 24h nas comunidades. Digo, sem medo de errar, milhões de pessoas. Porque a pacificação das comunidades, além de dar tranquilidade aos seus moradores, reverberava nos bairros vizinhos às comunidades.

Pergunte a um morador de Copacabana, da Tijuca, da Penha, do Rio Comprido, de Realengo, de Botafogo, ou de qualquer bairro impactado pela

pacificação de comunidades vizinhas, se a vida dele não melhorou, se o ir e vir da sua família não era bem mais tranquilo, se o seu imóvel se valorizou, e por aí vai.

Pergunte aos moradores dos Complexos do Alemão e da Penha o que mudou nas suas vidas, após a retomada dos territórios pelas forças de segurança! Pergunte sobre os investimentos em infraestrutura, em políticas sociais, em educação, esporte, lazer, mobilidade, cidadania.

Quando recuperamos os dois Complexos, afirmei que ali era o quartel central da organização criminosa Comando Vermelho, no Rio de Janeiro. O abandono dessas comunidades, nos últimos onze anos, fez com que essa região se tornasse não o quartel central do Rio, mas do Brasil!

Não acredite que é possível a retomada de qualquer território dominado pelo poder paralelo sem policiamento permanente.

Quem diz isso não conhece a realidade do Rio ou é um farsante.


A quantidade de fuzis nesses últimos onze anos se multiplicou por toda a região metropolitana e o interior. Por falar nisso, ouço bobagens sobre cidades do interior terem recebido marginais fugidos das UPPs. Mentira! Cidades do interior viram nesses últimos onze anos o debate não só da segurança pública, como de diversos serviços do estado.

O que falta é gestão! A segurança não é dissociada de outras políticas públicas. Nosso governo impactou a segurança pública positivamente, mas também a saúde com a construção de 7 novos hospitais, 55 UPAs 24h; passamos de lanterna para o top 5 do IDEB no ensino médio do país; nossa gestão administrativo-financeira recebeu o grau de investimento das principais agências de risco internacionais.

Vale lembrar que, na segu-

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: EMPOSSADO O MINISTÉRIO DE GETÚLIO VARGAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 4 de novembro de 1930 foram: Empossado o novo ministério brasileiro de Getúlio Vargas com Juarez Távora na Viação; Oswaldo Aranha no Interior e Justiça; J.M. Whitaker na Fazenda; general Leite de Castro na Guerra;

HÁ 75 ANOS: TRUMAN SOFRE TENTATIVA DE ATENTADO NA CASA BRANCA

As principais notícias do Correio da Manhã em 4 de novembro de 1950 foram: Dois porto-riquenhos fizeram uma tentativa de atentado

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.